

A FILOSOFIA AFRICANA E AS POTENCIALIDADES DAS ABORDAGENS QUE RECORREM A “ESCRITA DE SI” NO CONTEXTO DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO¹

Alessandra Maria da Silva Gomes² (UFMG)

Na pesquisa qualitativa se tem agregado conhecimento e sentidos aos fatos estudados na esteira da Ciências Sociais e Humanas fazendo com que a investigação, na área da educação, possibilite problematizar e fomentar as discussões em torno do pertencimento dos pesquisadores, ao *locus* investigativo e a importância da utilização de sua subjetividade como perspectiva metodológica para análise de dados. Para tanto, se tem exigido um processo de familiaridade/estranhamento onde se faz uso das impressões pessoais para refletir ao mesmo tempo, o papel de investigador e de participante da pesquisa, pautando-se em um engajamento que ao perpassar a experiência e a vivência no terreno da coletividade, contextualiza a cultura do grupo social de imersão. Nesse âmbito, a metodologia rotulada autoetnográfica permeia o estudo, servindo de bússola para as análises e interpretações dos dados gerados. Essa abordagem converge para uma postura autoreflexiva que, como ferramenta de prática, permite a valoração da subjetividade do pesquisador/participante ao levar em consideração seus valores e saberes. Ao utilizá-la o pesquisador anseia à uma descolonização acadêmica marcada pela busca de uma abertura ampla ao conhecimento, em um exercício que torna possível uma autonomia na escrita oferecendo uma sobreposição/neutralização do gênero científico-literário típico da modernidade que, sob a perspectiva de uma cultura dominante, impõe seus aspectos eurocêntricos, hegemônicos, onde a subjetividade do pesquisador é irrelevante e, portanto, são desconsideradas nas práticas de análise e nas práticas discursivas das pesquisas, inclusive as de cunho qualitativo. Defendo que na investigação na área da Educação, assim como na Antropologia, a relação de uma pessoa com o saber exige um entrelaçamento de si própria com o outro e uma abertura a um mundo social no qual, o pesquisador, ocupa posições das quais ele é elemento ativo, permitindo deitar o olhar a influência da própria subjetividade para a operacionalização da pesquisa.

Palavras-Chave: Racismo religioso; Educação; Autoetnografia.

¹ Trabalho apresentado na 34^a. Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Doutoranda em “Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas” pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais/Brasil. Mestra em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais/Brasil e Pós-Graduada, Lato Sensu em Africanidades e Cultura Afro-Brasileira, área de conhecimento: Artes e Humanidades pela Universidade Pitágoras Unopar e em História e Cultura Afro-Brasileira pela Universidade Cândido Mendes/Brasil. *Ekédjì* do Terreiro *Ilê Asê Sòpònón*.

Introdução

O pertencimento a uma comunidade tradicional cuja construção do significado do ser\estar no mundo são contrários aos modelos cartesianos e positivistas que promovem a suspeição da subjetividade de pesquisadores ativos que, em interação com seus sujeitos de pesquisa, explicitam sua trajetória e posicionamento político-epistemológico, oportuniza a busca pelo entendimento das relações humanas, trazendo à tona a problemática do uso da “*escrita de si*” como metodologia científica. No entanto, para refletir, analisar e/ou problematizar sobre o racismo religioso e a importância, não somente da construção da identidade de educadores adeptos do Candomblé, mas sobretudo de suas práxis, a partir de sua imersão na religião, a autoetnografia\ autobiografia se apresentam como uma metodologia crítica e inovadora, nas áreas de Ciências Sociais e Humanas, para a elaboração de pesquisa que têm como pano de fundo as relações Étnico-Raciais.

A ação de Apresenta-Ser³

Certa de que a educação, como campo social, favorece várias vivências, podendo possibilitar o aprendizado através de uma prática pedagógica que leve em conta os diversos saberes inseridos nas mais variadas culturas, destaco a importância das religiões de cunho afro-brasileiro, como o Candomblé, para os sistemas educacionais para o desenvolvimento de seus processos de ensino e aprendizagem. Por certo, como as demais temáticas, essa deveria fazer parte do repertório mais amplo que pode subsidiar e promover o diálogo no âmbito da educação. Entretanto, na prática, estas religiões sofrem preconceitos e discriminações ainda nos dias de hoje e, a opressão deste segmento acaba por tornar ausente as abordagens sobre estas manifestações e os seus possíveis desdobramentos nas esferas educativas. Assim, a existência de contextos sociais caracterizados pela manifestação de atos de intolerância e racismo religioso, hierarquias culturais, preconceito e discriminação referidos à iniciação religiosa e à

³ Início essa reflexão procurando ir além de uma apresentação. Como negra mulher e candomblecista que busca estar engajada em uma historicidade e aberta às relações sociais, pondero que, por diversas vezes, experimentei a indiferença, a discriminação e a exclusão social. Portanto utilizo o “Ser” no sentido de “existir”. Um existir que se encontra sempre imbricado com algo ou com alguém em possíveis círculos de conhecimentos, afetos, interesses, preocupações, desejos, etc. Assumo a dependência de um tipo de consciência de mim mesma, de saber mergulhada e subordinada ao tempo. Não ao tempo cronológico, mas, ao existencial e assim, arraigada pela possibilidade de contribuir para a construção de um melhor futuro para as relações étnico-raciais. Sendo assim, lembrando-me das palavras de Bell Hooks (1989) citada por Grada Kilomba (2019: 28), procuro passar de objeto a sujeito.

inserção de educandos e educadores (as) em Comunidades de Terreiros – Candomblé, faz necessário investigar a dinâmica dos saberes e valores incorporados por essas pessoas iniciadas, focalizando as vivências religiosas que tendem a apresentar-se como relevantes nos espaços sócio educacionais.

Ainda, não se pode ignorar o fato de que o combate à colonização exige o reconhecimento da autonomia individual e coletiva, porque, este embate se manifesta como defesa de uma minoria que se reafirma de direito, como grupo de independência e/ou liberdade, que luta por uma conquista política embasada pela disputa pelo poder. Poder de ser e existir que pode assegurar o bem-estar individual e comunitário, como ensinado pela cultura *Yorubá* lembrada pelo professor Rowland Abiodun, “Compreensivelmente, na cultura iorubá é absolutamente imperativo que os indivíduos reconheçam a identidade e a presença uns dos outros”. (ABIODUN, 2002:200)⁴.

Destarte, a religião pensada, à luz do Candomblé, de forma decodificadora perpassa pela característica do individual, do familiar e do coletivo, exaltando o convívio social em sua diversidade cultural. Configura-se, desse modo, em uma prática onde tem lugar a escuta e o fazer cuidadoso, o olhar acolhedor e generoso que reconhece a totalidade do ser favorecendo a superação das fragmentações impostas pela racionalidade.

O estudioso Muniz Sodré (2017) contribui ao afirmar que, o “ser” ganha existência à medida que faz parte da comunidade, ou melhor dizendo, passa a existir porque é integrado ao grupo e, reciprocamente, o grupo é integrado à sua existência, como anunciado pelo sul-africano Mogobe Ramose (2011:11), “Ontologicamente, o Ser é a manifestação da multiplicidade e da diversidade dos entes. Essa é a pluriversidade do ser, sempre presente.”⁵ Neste contexto, ao dedicar-me a pesquisa acadêmica, tive a oportunidade de pensar como investigar é estar pautada pela história e pela própria vivência, pela memória que se faz importante para o desenvolvimento e elaboração de uma pesquisa, bem como, pela reflexão sobre a própria relação e papel de pesquisadora negra e afrodescendente na área da Educação.

⁴ Fragmento retirado do texto de Rowland Abiodun com tradução de Kim Camargo e Wanderson Flor do Nascimento (2022).

⁵ “Para que essa condição existencial dos entes faça sentido, eles são identificados e determinados a partir de particularidades específicas. Assim, a particularidade assume uma posição primária a partir da qual o ser é concebido. Essa assunção da primazia da particularidade como modo de entender o ser é frequentemente mal colocada como a condição ontológica originária do ser.” (RAMOSE, 2011: 11).

Portanto, ao conceber uma escrita, elaborada sob as veredas da Filosofia Africana arraigada nos Terreiros de Candomblé, tem-se representadas significações e ressignificações a partir de reflexões e análises críticas que carregam consigo o auto confronto do (a/e) pesquisador (a/e), em uma atitude de estranhamento e de desnaturalização, onde este, é mobilizado (a/e) e transformado (a/e) pelo ato educativo que permiti a ampliação de horizontes, de visão de mundo, porque, se estranhamento é uma atividade do pensamento daquele (a) que se propõe a uma ação pedagógica, a pesquisa acadêmica não é de forma alguma, um ato desinteressado e tão pouco neutro.

Ademais, almejando a tradução das experiências em palavras, o produto final das pesquisas, principalmente aquelas ligadas as áreas Humanas e Sociais, pode e deve lançar mão de uma escrita envolta em uma estética que se encontra alicerçada nas descrições não isenta dos sentimentos e emoções. Não isenta, dos traços daquele (a) que fala/escreve e, não somente, daqueles (as) que estão sendo retratados (as/es).

Por conseguinte, ser pesquisador (a/e) é ser um (a/e) observador (a/e) que se relaciona com o mundo. É por isso, que o processo investigativo e sua escrita se tornam uma experiência empática e acolhedora que busca uma confabulação dinâmica para compreender e sentir o que está sendo investigado, pensando e refletindo sobre os conflitos que o envolve. Ao elaborar um trabalho analiticamente, considerando a própria experiência, ou seja, de relatora/pesquisadora, configura-se uma maneira de criar um quadro contrastante entre o passado vivido e o presente a ser estudado.

Consequentemente, em uma perspectiva analítica, com um olhar interseccional entre eixos de opressão como raça e religião, como possibilidade de compreensão dos problemas sociais e educativos, não se é uma voz sem rosto! Por isso, a subjetividade do pesquisador deve integrar a investigação a partir de uma perspectiva dialógica e polifônica, que reconhece as influências da própria experiência no processo de pesquisa.

Logo, partindo da cor de pele, apresento-me como pesquisadora com meus cinquenta e quatro anos, mestre em educação e iniciada, há mais de 30 anos, no Terreiro de Candomblé de tradição nagô, denominado *Ilê Asè Sòpònnòn*, na cidade de Belo Horizonte/Minas Gerais. Ressalto meu pertencimento a uma coletividade que foi historicamente excluída do lugar de produtora de Ciência.

Assim, as interfaces de minhas vivências se tornam pano de fundo do trabalho de pesquisa, surgindo uma inclinação à magia inerente ao processo investigativo e como

feiticeira⁶, posso colaborar para levar a efeito receitas⁷ de resistência, pois, desejei fazer deste espaço uma ferramenta para abordar e atualizar uma potência de situação que, em uma genuína preocupação, acaba por fazer pensar e não somente reconhecer dificuldades e obstáculos. Essa atitude não significa, meramente, ser contra hegemônica nas ciências, mas, sobretudo, me colocar no fio da navalha, numa tensa relação de inclusão-excludente para explicitar a pluralidade interna da Ciência e não sua homogeneidade.

Desta maneira, para esta investigação tomei a produção de conhecimento como interessada e politicamente objetivada, como acontece em toda produção humana. Me servi de uma prática social de pesquisa onde teve lugar o cuidado, a inclusão e a espiritualidade⁸, abordando não somente o conhecimento mas, sobretudo, o ser humano como um ser autônomo, dono de sua história, caracterizando uma epistemologia desconstrutiva.

Procurei por uma prática de pesquisa cujas tendências não visem homogeneizar as diferenças nas relações com o (a/e) outro (a/e). Práticas que não esgotassem os significados de interpretação/análise de dados, por acreditar que estes podem conter múltiplos significados.

Ao adotar a “*escrita de si*”, acreditei poder afetar a leitura elaborada e, portanto, propus a investigação como uma busca pela desconstrução de autoridade na medida em que favoreceu a expressão de várias vozes (onde me incluo) e diversas leituras. Para além, reconheço que o mundo é feito de relações de poder que se apresentam de formas variadas, internalizadas ou não, portanto, afirmo que uma pesquisa científica na área de humanas tem o desafio de desconstruir essas formas de relações para não incidir em

⁶ “(...) nomear-se feiticeiro ou animista pode se converter num ato de conjuração, resistência a toda essa história agarrada a uma ideia de progresso a um só tempo da razão e da técnica” (SZTUTMAN, 2018:344). Feiticeira: aquela que procura realizar magia com intenção e com um propósito.

⁷ Receitas neste contexto, implica em diferentes formas, técnicas de lidar e de se opor às devastações do mundo. Receitas são caras as bruxas, que sempre foram contrapostas e desqualificadas como não científicas porque não permitiam criar uma generalização em torno delas, ou seja, não permitiam leis abstratas. Não transcendem a sua execução, ou seja, são somente dadas a ver no seu processo de feitura, no processo experimental sendo impossível generalizar uma receita para todas as situações. As receitas variam conforme os contextos, mas nada impede que sejam trocadas ou postas em contato permitindo que surjam novos processos criativos, novas formas de resistência.

⁸ A exemplo de Gauthier, predispos para este trabalho, atender a seguinte exigência: “Reconhecer os saberes do outro, sua ciência e com ela, os caminhos que este outro está percorrendo para obter os resultados considerados legítimos na sua cultura. Daí o reconhecimento mútuo, o devaneio mútuo, que implicam direitos iguais entre os saberes e seus caminhos, heterogêneos, entre as diversas legitimidades científicas que as diferentes civilizações elaboraram.” (GAUTHIER, 2012: 07).

uma cegueira que acaba por reproduzir uma sujeição à poderes instituídos. Desta maneira, para a proposta elaborada, foi preciso pequenos movimentos para que, aos poucos, a metodologia se desenvolvesse gradativamente, justamente porque seu caminho foi construído e verificado durante o próprio percurso investigativo.

A “Escrita de si” para a pesquisa junto as Filosofias Africanas

Na investigação na área da Educação, assim como na Antropologia, a relação de uma pessoa com o saber exige um entrelaçamento de si própria com o (a/e) outro (a/e) e uma abertura a um mundo social no qual, o (a/e) pesquisador (a/e), ocupa posições das quais ele/ela é elemento ativo, permitindo deitar o olhar a influência da própria subjetividade para a operacionalização da pesquisa.

Sendo assim, acredito, que na pesquisa, ocupo uma posição singular onde me vejo como narradora e personagem ao mesmo tempo, fazendo parte da história, pois afinal, sou negra, candomblecista, mulher e educador-professora. Como praticante⁹ da Religião do Candomblé, assumo minha própria voz, minha cultura e meu grupo étnico-racial e com um olhar interseccional entre eixos de opressão como raça e religião, como possibilidade de compreensão dos problemas sociais e educativos, volto a dizer: não sou uma voz sem rosto!

Em seus estudos Magalhães (2018) aponta que,

Ninguém melhor para analisar e refletir sobre o estudo que o próprio envolvido. Por intermédio da autoetnografia, o indivíduo, ora pesquisador ora participante da pesquisa, compreende a si mesmo por meio da reflexão e do contexto no qual está inserido. Ao compreender a si mesmo, entenderá não só o contexto pesquisado com também os demais envolvidos. (MAGALHÃES, 2018:19).

E a saber, pensando no processo da etnografia, baseando-se em Goslds Schmidt, o autor acrescenta, (...) “de certo modo, toda etnografia é autoetnografia” na medida em que pressupõe envolvimento pessoal e um tipo específico de análise. (GOLDSCHMIDT, 1977: 294 *apud* MAGALHÃES, 2018:17).

Ao adotar este posicionamento tenho reforçado o sentimento de “partilha” fundamentado por uma das crianças candomblecista participante de minha pesquisa de mestrado, onde “partilhar é mais que dividir, é fazer parte de algo com alguém”

⁹ O termo praticante, no sentido atribuído pela Filósofa da Ciência, Isabelle Stengers, permite pensar do “ponto de vista do que elas [as pessoas] podem se tornar capazes de fazer, pensar e sentir porque pertencem” a um “território prático” (STENGERS, 2005:190, tradução nossa).

(GOMES, 2020: 147). Logo, ao incorporar minha subjetividade a pesquisa sigo estreitando laços e compartilhando experiências, porque, pela antropologia reflexiva, defendo a noção de consciência enquanto existência do processo de se ver e viver no corpo-fala, por meio da manifestação ou sensação pessoal.

[...] quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida, dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade. (CUNHA, 1998:39).

Assim considerando, este texto corresponde a uma das muitas reflexões abordadas na pesquisa que está sendo desenvolvida desde o ano de 2021, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Neste trajeto, percebo a importância do entendimento da composição e do sentido oferecido ao tecido de significados do pensamento africano, por levar a certeza de que, enquanto parte, o sujeito é somado ao grupo, o que segundo Sodré (2017) caracteriza a *corporeidade*¹⁰, em outras palavras, o entrelaçamento do corpo físico e o corpo social em uma mesma simbologia, o que constitui a espinha dorsal da existência do indivíduo.

Num corpo coletivo, como é o caso do grupo, corporeidade é a coleção dos atributos de potência e ação, diferente dos atributos individuais, do mesmo modo que um grupo é diferente de seus membros constitutivos. Claro, o grupo pertence ao indivíduo tanto quanto este pertence ao grupo, mas em ação e pensamento, o grupo –pleno de movimentos contidos ou reprimidos – tem mais potência, o que significa pensar coletiva e anonimamente, algo que se poderia designar como *pensamento-corpo*. Esse pensamento traduz-se em intensidades individualmente apropriadas, embora sempre relativas a uma unidade designada num cântico nagô pela aglutinação *faraimará*, ou seja, “todos unidos num só corpo. (SODRE, 2017: 106).

Colocando em relação essa noção de *corporeidade* com a “*escrita de si*” no contexto da pesquisa científica na área da educação, penso no que foi colocado pela autora Conceição Evaristo:

(...) ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si. (EVARISTO, 2020: 34-35)

Tão logo, construir um relato sobre um grupo do qual sou parte, reúne e promove o encontro das experiências pessoais que, com certeza influenciaram no processo de

¹⁰ A ideia de um ser vivo que é percebido através dos sentidos. Reconhecimento da utilização de meu próprio corpo como uma estrutura experiencial vivida e como um contexto de mecanismos cognitivos. “A corporeidade é a condição própria do *sensível* (...) O Sentir é a comunicação origina com o mundo, é o ser no mundo como corpo vivo. O sentir é o modo de presença na totalidade simultânea das coisas e dos seres. O sentir é o corpo humano enquanto compreensão primordial do mundo”. (SODRÉ, 2017; 106).

construção da pesquisa, com as narrativas das vivências das outras pessoas de Terreiros, com as quais compartilho questões como o fato de sermos educadoras. Explica o fato da tentativa de fomentar a reflexão sobre a potencialidades da metodologia científica autobiografica¹¹ ou mesmo, autoetnografica¹², em movimento característico da “*escrita de si*”. Sinto que este método atravessa a pesquisa porque, para além de ser parte do universo pesquisado, trago a autoreflexão, reconhecendo-a como recurso técnico comum a essa metodologia. Consequentemente, ao fazer uso da “*escrita de si*” tenho a esperança de contribuir para uma transformação política, social e epistemológica, pois, me reconheço como “presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma” (FREIRE, 2016:130).

Minha fala se junta a dos indivíduos que, como produtores (as) de conhecimento, ajudam a desafiar as bases do discurso científico que, até então, versou sobre uma suposta neutralidade e distanciamento social entre o (a/e) pesquisador (a/e) e o universo pesquisado e “ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra” (*Ibidem*: 90). Esta autoreflexão enseja o entendimento das experiências culturais silenciadas por uma escrita na qual o (a/e) cientista exercita o papel de narrador (a/e) do (a/e) outro (a/e) estudado (a/e), em uma posição política e ética que compactua com um gênero literário hegemônico, que quero acreditar, estar se tornando obsoleto no campo da pesquisa em educação.

Estabelecendo significado a uma antropologia reflexiva, minhas experiências se fundem com as dos (as/es) protagonistas do estudo. Isso faz com que esses se sintam à vontade para falar sobre o tema e seus atravessamentos porque acreditam que estão seguros (as/es) e que não correm risco de distorções ou interpretações equivocadas. Deste modo, lembrando e parafraseando o escritor Bert Hellinger¹³, como parte sou também o (a/e) “Outro” (a/e) porque reconheço esse Outro (a/e) como parte minha e,

¹¹ Na autobiografia, Auto" pode ser lido como o prefixo, cujo significado é "de si próprio". "Bio" é o radical, cujo significado é "vida". "Grafia" é o sufixo, cujo significado é "escrita".

¹² Autoetnografia” advem do grego: auto (self = “em si mesmo”), ethnos (nação = no sentido de “um povo ou grupo de pertencimento”) e grapho (escrever = “a forma de construção da escrita”). Procuro problematizar o fazer, o estar e o pertencer ao campo do sagrado e da educação, de maneira a descortinar impressões, reflexões e vivências, tornando o meu próprio ser, estar e fazer no mundo, uma perspectiva metodológica.

¹³ Bert Hellinger em “O outro sou eu” . Escritor alemão sem formação em psicologia mas que se autointitulou psicoterapeuta. Inventor da pseudociência conhecida como constelação familiar. Acesso em 22.12.23. Disponível em:

<http://aconstelacaofamiliar.blogspot.com/2017/08/o-outro-sou-eu-bert-hellinger.html>

nada no mundo está fora de mim, tudo me afeta de alguma forma. Ao me entender como Outro (a/e), esse não me é estranho (a/e) e não sou estranha aos meus (as), pois,

Inversamente, também eu, pelo meu ser, pertença ao outro, à plenitude de sua existência. Enquanto o outro permanecer estranho para mim e eu o mantiver à distância, desconfiar dele, temê-lo ou quiser distanciar-me dele, permanecerei menos, menor, estreito, fechado, mais pobre. A aceitação do outro é a aceitação da plenitude. Ela me pressiona no sentido da abertura, do que é maior, de outro amor, da amplidão, da modéstia, de um aprendizado sempre renovado. Ela une. Nela eu me encontro com minha plenitude, com a felicidade plena, com a entrega que me sustenta e na qual sou acolhido. Apenas nela sou totalmente humano. (Best Hellinger).

A partir do exercício proposto, surge uma nova maneira de pensar e conceber o (a/e) “*Outro*” (a/e), tornando possível amadurecer no desenvolvimento das Relações Étnico-raciais, visto que, é no entendimento que a pessoa faz de si mesma como “ser individual” e de seu “ser coletivo”, além do reconhecimento de seu pertencimento às diversas comunidades é que o indivíduo descobre o (a/e) “*Outro*” (a/e).

Neste sentido, em um paradoxo, dentro de uma pesquisa cujo pano de fundo são as Relações Étnico-raciais, me volto aos pensamentos de Grada Kilomba quando diz que “toda vez que sou colocada como “*Outra*”, estou experienciando o racismo, porque eu não sou a “*Outra*”. Eu sou eu mesma”. (KILOMBA, 2020:80).

Na esteira deste dito, sobrelevo que, nas ciências humanas, sobre a ação de pesquisar repousa a reflexão, a autorreflexão e a prática como meio de se relacionar com o mundo e encontrar a si mesmo (a/e). Ao se contemplar uma tendência reflexiva, se pode valorizar a subjetividade e a interpretação como elementos essenciais no processo de criação da realidade social, reconhecendo esta atividade, como inerente também à natureza do trabalho do (a/e) pesquisador (a/e). Me percebo, portanto, como as escritoras de Histórias negras descritas por Conceição Evaristo que, apoiando-se em Orlandi (1998) instrui que “o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si” (EVARISTO, s/d:7).

Após ler Evaristo e Hellinger, entendo que sobretudo, na sociedade brasileira, não sou somente a *Outra*, mas deveras, a *Outra* sou eu mesma! Todavia, ao recorrer a este posicionamento político-epistemológico, confio que meu corpo negro vai ser alforriado por essa escrita, que junto aos meus, procura imprimir outros significados as lembranças que teimam em se apoiar nas cicatrizes originárias dos chicotes do racismo. Chicotes deitados sobre os corpos pretos, escravizados fisicamente, espiritualmente e

epistemologicamente, por uma sociedade que, por este fato, se qualifica, ao meu entendimento, como desumana. Por essa escrita sinto contribuir para a formação de um tecido cicatricial que, mesmo aparentando ser mais rígido que o tecido-social original, vai se reinventando, existindo e reexistindo nos corpos negros, de maneira humanizada, almejando a possibilidade da estruturação de novas relações no campo educacional, cooperando para a construção de futuras ações nas quais educandos (as/es) e educadores (as) candomblecistas possam ter uma vivência de reconhecimento sócio religioso nos diversos espaços onde a educação acontece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando aliada às premissas da Filosofia Africana, a “*escrita de si*” como metodologia, oferece superação do suposto ligado ao individualismo e não cientificidade ao apontar para a importância da relação de espelhamento entre o *eu* e o *outro* em um sistema de significados do pensamento africano, que leva a certeza de que, enquanto parte, o sujeito é somado ao grupo, portanto, personagem ativa/atuante, incapaz de desassociar sua experiência interior da construção de saberes, inclusive os de cunho acadêmico. Ao chamar a atenção para como acontece o processo de construção da identidade a partir de um paradigma que não o dominante, as Filosofias Africanas perpassam o caminho da coletividade levando a um conjunto de práticas que subjazem a utilização da autoetnografia como ferramenta essencial para a investigação de princípios e valores que dão forma às relações sociais, porque, com base nos aspectos filosóficos da religião do Candomblé, se tem expandido um sentimento de comunidade em junção com a construção subjetiva do “eu”, ofertando um novo entendimento de como somos socializados e moldados dentro de um processo cultural. Decerto, a Filosofia Africana pode contribuir para um modo e inovador método de pesquisa que favorece a utilização da subjetividade e/ou expressão crítica e reflexiva de pesquisadores/participantes em interação com as narrativas, saberes e valores dos sujeitos de pesquisa, fundamentando e justificando o uso da autoetnografia em um processo de intersubjetividade, consolidando uma forma contemporânea de elaboração de conhecimentos científicos que subvertem a hegemonia eurocêntrica e colonialista do saber, do poder e do ser e, conseqüentemente, contribui para construção de uma sociedade democrática, justa e equilibrada.

REFERÊNCIAS:

ABIODUN, R.; CAMARGO, K.; FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. *O conceito de iwá na estética iorubá*, João Pessoa, v. 13, 2022.

BÂ, Amadou Hampâté. *A noção de pessoa na África Negra*. Tradução para uso didático de: BÂ, Amadou Hampâté. La notion de personne em Afrique Noire. In: DIETERLEN, Germaine (ed). Paris: CNRS, 1981, p. 181 –192, por Luiza Silva Porto Ramos e Kelvlin Ferreira Medeiros. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/textos-africanos.html>

CASTIANO, J. *Referenciais da Filosofia Africana: em busca da intersubjetivação*. 1ª ed. Maputo. Ndjira. 2010.

CUNHA, Maria Isabel da. *O professor universitário na transição de paradigmas*. Araraquara: JM Editora, 1998.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira*. Universidade Federal Fluminense – UFF, (s/d).

EVARISTO, Conceição. *A encrevivência e seus subtextos*. In: *Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes*. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 23a. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GAUTHIER, Jacques. *O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais*. 1ª ed. Curitiba, PR: CRV: 2012.

GOMES. Alessandra Maria da Silva. *Por uma escuta sensível: o que dizem crianças e adolescentes candomblecista a respeito de suas experiências religiosas considerando o contexto socioeducacional que vivem?* Rio de Janeiro. Autografia, 2020.

HELLINGER, Bert. “O outro sou eu” . Constelação Familiar. Acesso em 22.12.23
Disponível em: <http://aconstelacaofamiliar.blogspot.com/2017/08/o-outro-sou-eu-bert-hellinger.html>

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

KILOMBA, Grada. *Dizendo o indizível: definindo o racismo*. In: KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020. p. 71-92.
Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS_DA_PLANTACAO_-_EPISODIOS_DE_RAC_1_GRADA.pdf.

MACHADO, Adilbênia Freire. *Filosofia africana: ética de cuidado e de pertencimento ou uma poética de encantamento*. *Problemata: R. Intern. Fil.* v. 10. n. 2 (2019), p. 56-75.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. (2002), “*De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*”, Revista Brasileira de Ciências Sociais, 17 (49).

VELHO, Gilberto. *Observando o Familiar*. IN Oliveira, Edson. A Aventura Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VELHO, Gilberto. *O desafio da proximidade*. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 11-19.

SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô – Petrópolis, RJ : Vozes, 2017*.

MAGALHÃES, Célia Elisa Alves de. *Autoetnografia em contexto pedagógico: entrevista e reunião como locus de investigação* - In: Veredas Temática: Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares. Volume 22 nº 1 – 2018. PPG Linguística/UFJF. Juiz de Fora. ISSN: 1982-2243.

STENGERS, Isabelle. *Introductory Notes on an Ecology of Practices*. Cultural Studies Review 11 (1): 183-196, 2005.

SZTUTMAN, Renato. *Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 338-360, abr. 2018.

RAMOSE, Mogobe. “*Sobre a legitimidade e o estudo da Filosofia Africana*”. In: Ensaios filosóficos, v. 4, p. 6-23, 2011.